

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 1, Introdução ao Livro de Marcos

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro do Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 1, A Introdução ao Livro de Marcos.

Olá, meu nome é Mark Jennings, e estou muito feliz em poder começar esta sessão sobre o Evangelho de Marcos com vocês enquanto o examinamos.

Você pode até notar no slide que tenho aqui em cima uma representação artística do Evangelho de Marcos. Como você provavelmente sabe, cada um dos Evangelhos tem um símbolo tradicional associado a eles, e então, ao olhar para esta pintura, você verá um leão sussurrando no ouvido de Marcos enquanto ele escreve seu Evangelho. E eu acho interessante que o leão tenha sido escolhido como o sinal porque há muitas imagens vívidas do que está acontecendo no Evangelho de Marcos.

O que eu gostaria de fazer hoje com esta primeira palestra é começar a realmente definir o campo, se preferir. Quero falar um pouco sobre o que é um Evangelho, o que um Evangelho não é, nos ajudar a entender o gênero que vamos analisar nas próximas semanas. Também quero discutir a questão da veracidade histórica do Evangelho.

Em outras palavras, por que deveríamos ser capazes de confiar que o que Marcos está nos dizendo é verdadeiro e preciso. E então considere algumas questões introdutórias, alguns temas que vamos olhar com o Evangelho de Marcos, a autoria, o cenário histórico. Apenas comece a definir esse cenário para que, quando entrarmos no capítulo 1 de Marcos em nosso tempo subsequente juntos, tenhamos uma boa base, pelo menos, de onde começar.

Tenho uma citação aqui de CS Lewis que sempre acho bastante informativa. A primeira qualificação para julgar qualquer obra de arte, de um saca-rolhas a uma catedral, é saber o que é, o que foi planejado para fazer e como deve ser usada. E acho que um bom lugar para começarmos nossa discussão sobre o Evangelho de Marcos é começar apenas pensando sobre o que estamos falando.

O que queremos dizer quando usamos o termo Evangelho aqui? Nossas fontes primárias para os detalhes de quem Jesus é em sua vida são os Evangelhos. Mas o que são eles? O termo em si é interessante. Não sei se você já perguntou por que ele é chamado de Evangelho.

Mas um Evangelho vem do inglês antigo, Godspell, uma tradução, se preferir, da palavra grega euangelion, que basicamente significa boas novas ou boas notícias.

Então, esse termo euangelion , que é o termo que é traduzido como Godspell no inglês antigo e, então, Evangelho no inglês de hoje, tinha essa ideia de boas novas ou boas notícias. E é frequentemente usado, esse termo euangelion , para anunciar uma grande vitória.

Vemos esse euangelion usado pelos governantes romanos quando eles desfilavam sobre uma batalha que tinham vencido ou uma vitória que tinha ocorrido ou em sua inauguração como imperador. Eles tinham um euangelion . Eles tinham um pronunciamento de boas novas.

Vemos isso similarmente em Isaías. Quando você olha para Isaías 52, quão belos são sobre as montanhas os pés daqueles que trazem boas novas. Isso seria euangelion na tradução grega de Isaías.

Quão formosos são sobre os montes os pés dos que anunciam a euangelion , que proclamam a paz, que trazem boas novas, que proclamam a salvação, que dizem a Sião: teu Deus reina. Observe em Isaías que temos essa ideia de proclamação, que teu Deus reina. Vemos isso no Evangelho de Marcos quando olhamos para o capítulo 1 na próxima vez em que ele fala sobre o Evangelho, o começo do Evangelho.

Está associado à proclamação de que o reino de Deus chegou. Eles estavam lá para se arrepender e crer no euangelion , as boas novas sobre Jesus. Mas com o tempo, esse entendimento do euangelion como uma proclamação começou a se transformar, começou a se transformar em um gênero.

Então, quando chegamos a essas versões escritas, Mateus, Marcos, Lucas e João, temos esse título de Evangelho associado a elas. A razão pela qual o Evangelho foi associado a elas é provavelmente por causa de Marcos 1:1 e como Marcos começa declarando que o que ele está fazendo é um euangelion . Então essa ideia, esse gênero, se preferir, de um Evangelho começou a tomar forma.

Então, o que é quando falamos sobre um Evangelho? Bem, há características diferentes neles que eu acho que precisamos estar cientes. Primeiro, eles são históricos. Eles agem como histórias.

Eles se baseiam em tradições. Eles se baseiam em outras fontes. Eles se baseiam em testemunhas oculares.

Se você estiver interessado, olhe para os quatro primeiros versículos do Evangelho de Lucas, por exemplo, onde Lucas apresenta sua metodologia como historiador, se preferir. Segundo, como histórias, elas são colocadas em um contexto histórico, a Palestina do primeiro século. Elas nos dão datas, locais.

Eles transmitem informações. Em outras palavras, os autores de cada Evangelho estão se apresentando como fazendo algo histórico. Eles não estão fazendo mito.

Isso não é criação de mitos. A escrita que eles estão fazendo não é uma fábula. Ela apresenta os feitos de Jesus, suas palavras, sua morte, sua ressurreição, suas alegações, sua vindicação dessas alegações como algo que ocorreu em tempo real.

Também vemos que esses Evangelhos têm aspectos narrativos . Em outras palavras, eles não são uma coleção de ditos apenas. Eles não são uma coleção de palavras.

Elas são histórias. Agora, entenda que quando eu digo histórias, não quero dizer ficção. Já estabelecemos que elas se apresentam como históricas, mas são narrativas.

Há um enredo para eles. Há personagens que foram apresentados e foram contadas coisas sobre personagens. Há conflito.

Você vê temas que progridem pelo Evangelho. Há pontos de vista e há cenários. E como todas as histórias, elas não são imparciais.

Em nosso mundo do século 21, às vezes pensamos em preconceitos como errados ou incorretos. Bem, deixe-me dizer, os Evangelhos são muito tendenciosos. Eles apresentam sua compreensão de quem Jesus é.

Mas só porque eles são tendenciosos não significa que não seja verdade. Mas eles estão se apresentando na história que estão retratando. Eles estão escolhendo os elementos de sua história muito propositalmente para nos contar algo sobre quem é Jesus.

Agora, quando pensamos sobre o estado geral da erudição sobre histórias bíblicas, infelizmente, o que descobrimos é o que acabei de compartilhar, que há uma qualidade histórica nelas, uma qualidade de história nelas, e um aspecto teológico que está envolvido em tudo isso, que o estado geral das coisas na erudição bíblica questionaria parte do que acabei de declarar, especialmente o primeiro ponto sobre a precisão histórica. E acho que, ao começarmos nosso estudo de Marcos, provavelmente vale a pena entendermos um pouco do estado das coisas na erudição bíblica moderna e então sermos capazes de falar sobre isso para discutir a veracidade histórica dos Evangelhos. Rudolph Bultmann, um estudioso do Novo Testamento do século XX, escreveu: Eu realmente acho que não podemos saber quase nada sobre a vida e a personalidade de Jesus, já que as fontes cristãs primitivas não mostram interesse em nenhuma delas, ou, além disso, são fragmentárias e frequentemente lendárias.

O estado geral das coisas na erudição bíblica hoje parece ser este. Fora das preocupações evangélicas, parece que a maioria dos estudiosos bíblicos rejeita a noção de que Jesus foi algo mais do que um homem. Eles diriam que o Evangelho de Marcos não é confiável quanto aos seus detalhes, mas é, em vez disso, o produto de um longo e envolvente processo de criação de mitos.

Em outras palavras, a frase que você ouve frequentemente é essa ideia do Jesus da história versus o Cristo da fé, que o Jesus da história é difícil de alcançar porque foi obscurecido no Cristo da fé. Em outras palavras, tudo o que está disponível é o que os cristãos da igreja primitiva disseram sobre isso. Como isso aconteceu, você pode se perguntar.

Bem, nem sempre foi assim. Por muito tempo, os estudiosos do Novo Testamento e a igreja mantiveram a veracidade histórica dos Evangelhos, mas com o alvorecer do Iluminismo, com o aumento da ênfase no racionalismo, a ideia de que se algo não pudesse ser razoavelmente repetido, então tinha que ser duvidado, a historicidade dos Evangelhos começou a ser desafiada. Quero discutir isso um pouco antes mesmo de entrarmos no Evangelho de Marcos porque a filosofia do racionalismo influencia como lemos ou como alguém lê o Evangelho.

Nunca chegamos a um Evangelho com uma posição neutra. Chegamos com posições diferentes baseadas em nossa crença, baseadas em nossa compreensão de como as coisas são e baseadas em como fomos expostos aos diferentes argumentos. Por exemplo, aqueles de nós que leram diferentes obras vindas dos séculos XVIII e XIX, a chamada primeira busca do Jesus histórico, a ideia principal ali era que Jesus era um mero homem, um professor ético que proclamava o amor e o valor infinito das pessoas.

Isso era frequentemente descrito como o Jesus liberal. O que aconteceria durante essa primeira busca era tentar explicar o que estava acontecendo nos Evangelhos para se encaixar nessa ideia de quem Jesus deveria ser. Você obteria essas explicações racionais rebuscadas para os milagres não serem verdadeiros porque os milagres são contra o pensamento racional.

Elas não podem ser replicadas. Elas não são razoáveis. Você ouviria certas sugestões como, bem, Jesus não andou realmente sobre as águas.

Ele andou na praia, mas havia uma névoa em seus pés, então parecia que ele andava sobre as águas. Albert Schweitzer, ao olhar para muitos desses estudos que estavam saindo dos séculos XVIII e XIX, notou que todos esses estudos tinham um elemento comum: que o Jesus de Nazaré foi vestido pela teologia moderna em trajes históricos. Em outras palavras, todos esses estudos pareciam apresentar o Jesus histórico de uma forma que parecia exatamente com o que os próprios autores valorizavam.

Acho que é um conto de advertência para cada um de nós, à medida que entramos no Evangelho de Marcos, para sempre estarmos preocupados que o que estamos fazendo quando lemos Marcos é descobrir quem é Jesus e o que Marcos está dizendo sobre Jesus e resistir à tentação de fazer Jesus parecer comigo ou com você. Depois que essa chamada primeira busca foi tentada para usar os Evangelhos como uma maneira de explicar quem era Jesus em termos de uma teologia liberal que se encaixasse nos séculos XVIII e XIX, passamos para o século XX e a chamada não busca. Este é Rudolf Bultmann e outros, onde a observação se tornou que nada poderia realmente ser conhecido sobre o Jesus histórico.

Ceticismo radical, se preferir. Agora, precisamos entender que tudo isso está saindo do que ficou conhecido como uma história das escolas religiosas. A ideia de uma história das escolas religiosas é basicamente esta: o crescimento religioso é evolucionário.

Em outras palavras, as religiões se desenvolvem de algo simples para algo complexo. Então, Jesus começa, de acordo com esse quadro de pensamento, como uma figura judaica, mas uma vez que a igreja se espalhou para os círculos gregos, ela se tornou agora esse Jesus, o simples Jesus galileu se tornou infundido com concepções pagãs, até mesmo ao ponto do divino. Então, de acordo com essa posição de não-busca, o que vemos é apenas o fruto dessa história de abordagem religiosa de quem Jesus é.

O evangelho de Marcos não nos mostra muito sobre o Jesus real, mas sobre esse processo evolutivo. Em outras palavras, não temos nada real. Bultmann diria que nada poderia ser conhecido sobre o Jesus autêntico, exceto que ele existiu, foi um profeta de algum tipo e proclamou o reino de Deus.

Agora, nem sempre foi assim. Haveria o que foi chamado de uma nova ou segunda busca pelo Jesus histórico. Isso são números dos anos 50 a 70, meio que em reação a essa não busca, essa ideia de que nada poderia ser conhecido sobre Jesus, que os evangelhos não nos disseram nada sobre Jesus.

Pessoas como Käsemann e outros argumentaram que os evangelhos tinham que nos dizer algo. Mesmo que você rejeite o sobrenatural, ainda deve haver algo que pode ser colhido dos evangelhos. Então, depois disso, estamos agora no período que é conhecido como a terceira busca, que é dos anos 80, 1980 até hoje.

Aqui, a ênfase estava nas metodologias. Os evangelhos começaram a ser mais vistos em relação ao que poderiam nos dizer sobre quem é Jesus. Você obteria uma ampla gama de opiniões que se enquadrariam nessa terceira busca.

Opiniões de grupos como os conhecidos como Jesus Seminar, que tiveram seu apogeu no final do século XX, teriam sua própria metodologia muito específica do

que poderia ser entendido sobre quem Jesus é ou não é e figuras mais comuns hoje em dia, como NT Wright e outros. A chave aqui é sempre o método de que a busca pelo Jesus histórico nos evangelhos é legítima. Há otimismo.

Enquanto a no quest diria que há pessimismo, a terceira quest diz que há otimismo. Algo pode ser conhecido. Depende apenas do seu método.

É aí que eu também me encaixaria. Acho que os evangelhos nos dizem muito sobre Jesus, quem Jesus é, quem Jesus foi. A questão da metodologia se torna: o que há no primeiro século? O que há no contexto original? Como lemos e entendemos os evangelhos da maneira que seus leitores originais os teriam entendido? Quais são as perguntas que deveríamos estar fazendo? Isso significa que, provavelmente agora mesmo, cada um de vocês está fazendo essa mesma pergunta.

Por que no mundo eu passei os últimos minutos falando sobre diferentes maneiras de entender quem Jesus pode ser de um ponto de vista histórico? A razão é simples primeiro, pois eu queria que você visse como esse processo ocorreu, especialmente no pensamento ocidental. Como passamos de séculos de confiança, a veracidade histórica do Evangelho de Marcos e dos outros evangelhos, para o que agora é principalmente dúvida, ou pelo menos algum ceticismo.

Como o Iluminismo e o racionalismo afetaram a erudição bíblica. Além disso, acredito que a avaliação que alguém faz do Jesus histórico e o quanto alguém pode saber depende de muitos fatores. O que aceitamos como fontes? Quais critérios e métodos usamos? Que valor damos aos evangelhos? Em alguns minutos, falarei sobre a confiabilidade histórica dos evangelhos.

No cerne de cada uma dessas decisões que se toma sobre Marcos e os outros evangelhos ainda está essa questão. Nosso Jesus se parece com um Jesus do primeiro século dos evangelhos, ou nosso Jesus se parece com algo do século XXI? Acho que sempre precisa haver um governo sobre como abordaremos o Evangelho de Marcos. Claro, outras pressuposições entram em nosso entendimento.

Se você nega milagres, então você negará que Jesus os fez. Se você acredita que milagres podem ocorrer, então você acreditará que Jesus os fez. Se você nega a existência de demônios, então você negará exorcismos.

Se você acredita que o mundo espiritual existe, então não vai. É impossível ler como uma lousa em branco. Claro, para mim, não acho que deveríamos.

Ao abordar o Evangelho de Marcos, estarei lendo-o e interpretando-o por meio de uma analogia de fé, por meio da minha própria crença em quem Cristo é. Isso não significa que devemos ser simplesmente fideístas. Devemos estar sempre prontos para dar uma resposta pela razão e pela esperança que temos.

Agora, para a questão da confiabilidade histórica. Vou apenas arranhar a superfície um pouco aqui. Usando essa ideia dos evangelhos como sendo geralmente confiáveis, quais são alguns dos aspectos que vemos dos próprios evangelhos? Eu fiz o comentário anterior de que os evangelhos são históricos, se apresentam como históricos.

De fato, quando olhamos para eles, eles se apresentam muito como um tipo muito específico de escrita histórica antiga, semelhante ao que chamaríamos de bios, uma espécie de biografia antiga. Esta seria uma apresentação histórica centrada em um personagem principal. Este não é um gênero incomum no mundo antigo.

Acho que podemos certamente dizer que os evangelhos se centram em Jesus. Se você quiser ter um exercício divertido enquanto lê o Evangelho de Marcos, destaque aquelas frases que não são sobre Jesus, não têm Jesus como assunto ou não são Jesus falando. Você terá muito poucas vezes para destacar.

Em outras palavras, quase todas as frases em Marcos são sobre Jesus. Você tem pequenos trechos sobre João Batista, mas, fora isso, é quase sempre sobre quem Jesus é. Então, olhando para as características históricas, uma das coisas que vemos no Evangelho de Marcos e nos outros evangelhos é que o testemunho ocular parece ser importante.

Há fortes evidências de que os escritores dos evangelhos se viam como zeladores, como transmissores da história de Jesus. De fato, por todo o Novo Testamento, o testemunho ocular sobre quem Jesus é é mantido e honrado. Os escritores dos evangelhos alegam estar fazendo história, como mencionei anteriormente.

Eles dão coisas que seriam verificáveis, como nomes, lugares, datas e assim por diante. O nível de detalhes que se apresenta parece reivindicar querer ser entendido como histórico. Essas não são descrições vagas, mas são representações concretas.

Terceiro, evidências de transmissão precisa podem ser vistas. Vemos um desejo de ter eventos e palavras salvos, mesmo quando esses eventos podem parecer menos do que ideais ou esses ditos podem parecer difíceis. Quando temos Jesus não sabendo de algo, ou os discípulos parecendo estúpidos, ou mesmo um dos discípulos como um traidor, quando há uma rejeição massiva do herói de Jesus, isso deveria soar surpreendente se pensássemos que os evangelhos não eram históricos.

Se isso fosse apenas criação de mitos, você talvez quisesse ignorar essas palavras. Você talvez não quisesse apresentar essas ideias. Mas Marcos as tem, assim como o resto dos evangelhos.

Essa preservação de ditos e eventos difíceis faz parte da versão histórica. Além disso, e acho que algo que não recebe tanto reconhecimento quanto deveria nessa ideia é que há uma ausência de controvérsias posteriores da igreja encontradas nas histórias dos evangelhos. Em outras palavras, se os evangelhos fossem o produto de uma igreja posterior, se fossem essa evolução do desenvolvimento, você esperaria ver alguns dos eventos que estavam sendo debatidos e disputados na igreja primitiva encontrarem seu caminho para o evangelho de Marcos e os outros evangelhos.

Mesmo algumas das coisas que vemos em Atos não aparecem em Marcos e nos outros evangelhos, muito menos nos debates da igreja dos séculos II e III. Parece que mesmo arranhando a superfície, se você quiser, a ideia é que os evangelhos são confiáveis em termos dos eventos e das palavras que registram. Isso seria algo que até mesmo alguém sem fé teria que admitir prontamente.

Agora, é claro, você pode estar se perguntando sobre esse ponto. Não há contradições? Não temos contradições entre os evangelhos? Como posso confiar na veracidade histórica se parece que eles vão um contra o outro? Claro, é uma boa pergunta a se fazer, mas a pergunta natural precisa ser: o que é uma contradição e o que é simplesmente uma prática histórica comum? A questão da contradição é uma à qual sempre voltamos. Na verdade, você notará, mesmo se ler os evangelhos, que às vezes parece haver coisas que não se alinham.

Se você olhar para Marcos, Mateus e Lucas, há algumas coisas que logo de cara são muito parecidas, mas outras coisas que fazem você coçar a cabeça. Isso sem nem mencionar as diferenças entre o Evangelho de João e os Sinóticos. Mas, quando pensamos sobre essas questões, elas são contradições? Acho que precisamos ser claros.

Os evangelhos não são transcrições. Eles não são fitas de vídeo. Esse não era o método de escrita da história antiga.

De fato, não é o método de escrita da história moderna. Quando começamos a abordar essa questão da contradição, precisamos primeiro começar distinguindo entre o que pode constituir uma contradição e o que é prática histórica comum. O que teria sido prontamente compreendido então, se você preferir, pelo leitor e pelo receptor do Evangelho de Marcos como adequado à prática histórica comum? Na maioria dos casos, por exemplo, os escritores do Evangelho, e Marcos não é diferente, se envolverão em paráfrases.

Essa não é uma prática histórica incomum. Há essa questão da abscissima verba versus abscissima vox, sendo a ideia abscissima verba, palavras reais ou voz real. O padrão na história antiga nunca foi abscissima verba, palavras reais, mas sempre foi uma voz real.

Em outras palavras, esperava-se que um historiador apresentasse com precisão a voz dos oradores, mesmo que alguma edição ocorresse. Nunca se poderia inventar tudo de uma vez, em outras palavras. Um exemplo óbvio de abscissima verba é Marcos 15:34, quando na verdade temos o aramaico de Jesus.

Quando Jesus na cruz está clamando em aramaico, obtemos o aramaico disso. Obtemos as palavras reais. Eu destaco isso por dois motivos.

Sabe-se que o Evangelho de Marcos foi escrito em grego, em uma forma de grego chamada grego koiné . As palavras de Jesus, se Jesus, como acreditamos, falava aramaico, que teria sido a língua em que ele foi criado e viveu, então, por definição, tudo o que ele disse, na maior parte, teve que ser traduzido para o grego koiné . A qualquer momento, aqueles de vocês que trabalharam com idiomas, sabem disso: sempre que você traduz de uma língua para outra, há um ato interpretativo.

Há uma interpretação que ocorre e acontece. Há decisões que precisam ser tomadas. Você pode dizer a mesma coisa de maneiras diferentes.

Obtemos a abscissima verba em Marcos 15:34 e quando chegarmos lá, farei um argumento de por que acho que obtemos a abscissima verba . Este é o Eloi Eloi começo de meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste. Eloi Eloi é como começa em aramaico.

Costuma-se dizer que temos o aramaico ali por causa do quão poderosa essa declaração é. Eu, é claro, não vou negar o poder dessa declaração, mas também há outras declarações poderosas no Evangelho de Marcos. O que foi interessante, eu acho que isso fala sobre como Marcos é como escritor.

Se você olhar para Marcos 15:34, veja o que acontece depois disso. O que aqueles ao redor de Jesus começam a dizer? Eles começam a dizer que ele está chamando Elias. Bem, se não pegarmos o aramaico, o Eloi Eloi , que está na boca de um homem em uma cruz que está distorcido, desidratado e suando, pode soar muito como Elias.

Se não tivermos o aramaico, a abscissima verba lá, ficaremos completamente confusos. Por que eles acham que ele está chamando Elias? Então pegamos a abscissima verba . Mas muitas vezes Marcos, como outros escritores antigos farão, ele dará a abscissima vox, a voz real.

E eu acho que isso é importante para nós pensarmos porque voltando a essa ideia de que os Evangelhos não são apenas histórias, mas são narrativas. Isso também começa a falar sobre o papel de Marcos como escritor. Marcos foi, eu acredito, inspirado pelo Espírito Santo, um intérprete autoritário dos eventos de Jesus e sua vida.

Ele descreveu não apenas eventos reais e ditos reais, mas também suas interpretações, e essa interpretação é verdadeira. E então, vemos escolhas sendo feitas por Marcos como escritor. Marcos faz escolhas sobre o que ele vai colocar e deixar de fora.

E às vezes, essas escolhas, que teriam sido práticas históricas comuns, podem ser confundidas como contradições. Se um escritor menciona vários indivíduos e outro escritor menciona apenas um ou dois, isso é uma contradição ou é representativo de escolha? Há seletividade e omissão. Os escritores do Evangelho não simplesmente divulgaram tudo o que sabiam.

Eles fizeram escolhas sobre o que queriam apresentar, e Marcos também fez. Quando olhamos para o que Marcos faz, por exemplo, podemos comparar as declarações de Marcos sobre Jesus na cruz com as declarações de outros escritores do Evangelho quando Jesus está na cruz. Essas sete palavras de Jesus, você pode ter ouvido falar delas, são grandes declarações que Jesus faz quando está na cruz.

Curiosamente, essas sete declarações que são feitas, elas não existem todas em um Evangelho. Elas estão espalhadas. É porque os escritores individuais não sabiam que Jesus disse algumas dessas coisas maravilhosas? Eles não sabiam que Jesus disse, Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Ou um escritor não sabia que Jesus disse, Perdoa- os, pois eles não sabem o que fazem.

Ou eles não sabiam sobre a introdução do novo relacionamento que Maria e João teriam? Ou foi porque eles fizeram uma escolha sobre o que queriam ter na narrativa de sua história, sobre o que queriam naquele clímax para ser parte do tema que estavam buscando? Novamente, esta é uma questão de se é uma contradição ou é uma prática histórica comum. Algumas coisas que eu gostaria de mencionar antes de olharmos para algumas do próprio Marcos. Uma é esta ideia de akraah. Akraah é este dispositivo retórico no mundo antigo de digestão.

Com isso, quero dizer pegar algo maior, pegar uma história maior ou um discurso maior ou um evento maior, e digeri-lo até algo que seja menor, mas ainda assim mantido na essência. Então, por exemplo, veremos escritores de evangelhos, como todos os historiadores antigos, simplificar algo ou colocá-lo em uma forma ou pacote que possa realmente transmitir o que eles querem enfatizar ou ser facilmente lembrado ou apresentado. Diferentes escritores podem escolher fazer coisas diferentes sobre como eles podem fazer akraah.

Além disso, para escritores de evangelhos, como historiadores antigos, especialmente aqueles que escrevem em biografias antigas, a ordem cronológica dos eventos nem sempre foi crítica. Agora, isso parece estranho para nós porque a precisão cronológica de um evento é algo que é sempre essencial em nosso pensamento sobre eventos. Mas você sabe, eu estava lendo um livro outro dia, uma

biografia histórica, e havia muitos flashbacks que estavam acontecendo ou introduzindo temas que foram colocados.

Então, mesmo algumas biografias modernas nem sempre seguem uma cronologia definida. Mas isso era especialmente verdadeiro para escritores históricos antigos e biógrafos antigos; eles podiam ter alguma seletividade sobre como organizavam eventos particulares. Novamente, não estou inventando tudo.

O evento precisa ter ocorrido. Havia uma suposição de precisão histórica. Mas você poderia colocar esse evento em uma ordem, talvez por tópicos, se quisesse.

Pense no Evangelho de Mateus, por exemplo. As parábolas em Mateus são organizadas em um capítulo. Agora, tenho quase certeza de que Jesus falou em parábolas ao longo de seu ministério, mas Mateus realmente as faz existir em um capítulo.

Há um arranjo que pode ocorrer. Um dos maiores exemplos de Marcos fazendo parte desse arranjo, se preferir, e veremos isso acontecer ao longo de nossa análise do Evangelho dele, é o chamado Sanduíche de Markin. Vamos falar muito sobre isso.

É um recurso retórico. O Sanduíche de Markin é bem simples. Mark começa uma história.

Vamos chamar de pão. Começa uma história. Antes de terminar essa história, ele insere a carne, se preferir, uma segunda história.

Ele completa a segunda história e então retoma a primeira, o pedaço de baixo do pão. Então, você vê esse recurso retórico, esse Sanduíche de Markin, onde Mark vai começar um evento, inserir falando sobre um novo evento, falar completamente sobre esse evento e então completar o primeiro evento. Agora, é um recurso retórico.

Uma das coisas que Mark permite fazer é apresentar duas coisas separadas e fazê-las interpretar mutuamente uma à outra. Frequentemente, a carne meio que dá algum tipo de significado ao primeiro evento. Fica claro quando olhamos para isso; você verá que esses dois eventos não estão necessariamente em ordem cronológica, mas há um recurso retórico que ocorreu.

Tudo isso é para começar a preparar nosso cenário. Acho que quando olhamos para Marcos, estamos olhando para duas coisas. Primeiro, estamos olhando para Marcos fazendo um trabalho histórico.

Estamos vendo Marcos agindo como um historiador antigo. Estamos vendo Marcos nos contando uma história sobre quem é Jesus. Nós o vemos como sendo seletivo, omissivo e inclusivo.

E então, meu ponto, suponho, é este. Quando falamos sobre contradições, frequentemente o fazemos sem pensar no contexto antigo ou nos gêneros com os quais estamos lidando. Fazemos perguntas que fazem sentido, talvez, em nosso contexto, mas não fariam sentido em um contexto histórico antigo.

Esquecemos que Marcos é um escritor que faz escolhas, como Mateus, Lucas e João fazem. Essas escolhas não negam a veracidade histórica do que eles estão dizendo, mas refletem o brilhantismo da história que eles estão apresentando. Então, vamos falar um pouco sobre o Evangelho de Marcos.

Marcos tem uma pegada enorme no Novo Testamento. Muitos, como eu, acreditam que Mateus e Lucas usaram o Evangelho de Marcos em seus escritos. Isso por si só transmite a pegada que Marcos teria tido, tanto no início quanto continua até hoje.

O que vemos no Evangelho de Marcos? Bem, seu estilo literário é incrivelmente rápido. Há um ritmo no Evangelho de Marcos. É uma narrativa de movimento rápido.

Por exemplo, a palavra imediatamente, ou a palavra inglesa imediatamente, vinda de uma palavra grega, é usada 42 vezes. 42 vezes, Marcos começa algo dizendo imediatamente. Mateus faz isso cinco vezes.

Lucas faz isso uma vez. Esse uso de imediatamente, imediatamente, imediatamente, ou então, próximo tem o efeito de manter a narrativa em movimento. Há uma ênfase pesada no tempo presente e nos verbos do tempo presente no Evangelho de Marcos.

Agora, quando verbos no presente são usados, você pode pensar que essa é uma observação estranha, mas cria uma sensação de vivacidade. Há ação no Evangelho de Marcos. Marcos frequentemente agrupa eventos.

Líderes religiosos e os desafios muitas vezes vêm meio que juntos. Os exorcismos vêm juntos. Os milagres vêm juntos.

Nós falamos sobre como os escritores do Evangelho frequentemente usam temas ou tópicos na seleção de como eles apresentam seus eventos. Claro, eu mencionei o tema de Mark Sanderson, e nós encontraremos muitos deles quando entrarmos no Evangelho. Você verá três.

Marcos tem uma queda por tríades. Ele tem uma queda pelo número três e padrões e conjuntos de três, três cenas de barco e três ciclos de previsões de paixão. Acho que você encontrará muita ironia no Evangelho de Marcos.

O Filho de Deus que sofre. O poderoso Filho de Deus que sofre. É uma ideia irônica.

É inesperado. Veremos muitas ocasiões de ironia. Mark Strauss, em seu livro sobre o Evangelho de Marcos, também tem um livro maravilhoso que governa muitos dos meus pensamentos aqui sobre os quatro Evangelhos.

Mark Strauss fala sobre como os líderes religiosos são aqueles que se tornam os outsiders. Os gentios são aqueles que se tornam insiders. Parábolas realistas falam de verdades celestiais.

Jesus é rejeitado pelos seus, e assim por diante. Há muita ironia no Evangelho de Marcos. Quando olhamos para o retrato de Jesus feito por Marcos, uma das coisas que vemos que é única em Marcos, ou talvez uma maneira melhor de colocar que Marcos enfatiza, é a humanidade de Jesus.

Jesus é muito pé no chão, se você preferir, no Evangelho segundo Marcos. Ele expressa compaixão, indignação, pesar, amor, raiva, espanto. Há ansiedade no Getsêmani, perseverança.

Há ignorância sobre o tempo de seu retorno. Há uma humanidade no Evangelho de Marcos. De mãos dadas, também vemos poder e autoridade.

Uma das coisas que começa imediatamente no Capítulo 1, que veremos na próxima vez, é como Jesus fala e age com a autoridade de Deus. Ensinações extraordinários, curas, exorcismos, milagres. Veremos um mistério sobre ele, um segredo messiânico, essa ideia em que Jesus revela quem ele é, mas também mantém isso em segredo.

Vamos ver muito desse tipo de progresso. Claro, levando a essa questão de quem é Jesus, uma das coisas que vamos notar é quantas perguntas Jesus tem, ou melhor, Marcos tem. Marcos está cheio de perguntas sobre quem é Jesus.

Alguém parece estar sempre fazendo uma pergunta sobre Jesus. Claro, passando para a confissão de Pedro e, finalmente, para a proclamação do centurião na cruz. Algumas outras características para mantermos cientes à medida que começamos a chegar ao fim aqui pensando em Marcos.

Há antagonistas por todo lado. Você tem as forças de Satanás e os líderes religiosos. Os oponentes primários logo de cara são apresentados como os demônios, mas

também os líderes religiosos, que são apresentados quase simultaneamente, se opõem.

Os líderes religiosos sempre parecem estar preocupados que Jesus se associe com pecadores. O ensinamento de Jesus ameaça sua popularidade. Veremos quando olharmos para a destruição do templo e outros aspectos.

Olhamos para os discípulos. Os discípulos têm um papel muito ambíguo em Marcos. Jesus os procura, ele os chama, ele nomeia doze, ele deposita grande confiança neles, ele lhes dá autoridade extraordinária.

Mas dos quatro evangelhos, o retrato dos discípulos feito por Marcos é o mais negativo. Em Marcos, os discípulos frequentemente não entendem Jesus. Há uma clara relutância deles em reconhecer o papel sofredor do Messias.

E diferente dos outros evangelhos, a recuperação, se preferir, dos discípulos é sugerida, mas não há a recuperação completa no final do evangelho de Marcos. O exemplo de Jesus é colocado contra os discípulos no jardim. Jesus persevera, mas eles correm.

Acho que até certo ponto o que Marcos está mostrando não é que há um desdém pelos discípulos, não entenda mal, mas sim uma apresentação de que Jesus é o paradigma do que significa seguir, o que significa obedecer a Deus. São as deficiências dos discípulos que são usadas para destacar a fidelidade de Jesus, e veremos isso acontecer repetidamente quando olharmos para Marcos. Alguns dos temas teológicos que encontraremos, o reino de Deus é uma mensagem central em Marcos.

O ensino do reino de Jesus contém elementos presentes e futuros. O reino está presente porque o rei está presente, mas também há comentários sobre um reino ainda por vir e um futuro estabelecimento. Também veremos essa ideia de Jesus, o servo Messias, como ele é o poderoso Filho de Deus, o Filho do Homem, o Messias, mas também é aquele que vai morrer como um servo do Senhor, que é o sacrifício expiatório.

Veremos uma redefinição de muitos desses títulos em Marcos, frequentemente, eu acho, com Isaías 53 em mente. Por fim, enquanto meio que encerramos isso, quero falar sobre algumas questões de autoria. Nós o chamamos de Evangelho, de acordo com Marcos.

Por que chamamos assim? No próprio texto, deve-se admitir que o texto é anônimo. Quando você pensa nas cartas de Paulo, você tem eu, Paulo, escrevendo para a igreja. Não temos nenhuma reivindicação de que o autor seja feito no próprio Evangelho.

A identificação tradicional sempre foi essa figura de João Marcos, que era companheiro de Paulo e Pedro. O historiador da igreja primitiva Eusébio, por volta do século IV, cita Papias, um líder da igreja que viveu durante a primeira metade do século II, e disse que Marcos tinha sido o intérprete ou tradutor de Pedro, escreveu tanto quanto ele, Pedro, contou sobre os ditos e feitos de Cristo com precisão, mas não em ordem, o que eu acho fascinante. Pois ele não era um ouvinte ou seguidor do Senhor, mas como eu disse de Pedro, esta é a citação, que adaptou seu ensino conforme necessário e não organizou os ditos do Senhor de forma ordenada.

Então, Marcos não cometeu nenhum erro ao escrever algumas coisas conforme ele as recordava. Novamente, é a isso que Eusébio está se referindo ali, esta citação sobre esta figura, João Marcos. Nós vimos isso acontecer.

Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Jerônimo, houve um grande acordo da igreja primitiva sobre isso. A associação com Pedro, embora amplamente descartada agora por muitos estudiosos do Novo Testamento, eu acho que ainda se mantém convincente. Eu acho interessante quando você olha como Pedro é tratado no Evangelho de Marcos, e há uma proeminência para Pedro em Marcos que é um pouco mais destacada.

Há até mesmo suportes de livros, se você preferir, de Pedro como o primeiro apóstolo que é nomeado no capítulo 1, versículo 16, e o último que é nomeado, dependendo de como você entende o capítulo 16. As coisas sobre Pedro, Mateus e Lucas, há coisas lá que não estão em Marcos, mas as coisas em Mateus e Lucas tendem a ser sobre o futuro de Pedro, o que eu acho interessante. Há menos sobre isso no Evangelho de Marcos.

Algumas pessoas se perguntam se isso era parte da própria humildade de Pedro quando ele estava falando sobre a história de Jesus, que ele abafou um pouco o alto louvor que ele havia recebido do Senhor. A importância de Marcos na igreja primitiva, é claro, é evidente. Uma das coisas que eu acho interessante é que Martin Hengel, um estudioso do Novo Testamento, fez algum trabalho sobre isso; nós o chamamos de Evangelho segundo Marcos porque, em nossos primeiros manuscritos, esse é o título no topo do texto, no topo dos manuscritos.

Agora, esse título teria sido associado, argumenta Hingle, bem cedo. Na verdade, quando começou a sair, teria havido uma necessidade de identificar quem era o autor. O argumento de Hengel era que se esse título não estivesse em um dos primeiros manuscritos, esperaríamos ver o Evangelho de Marcos com uma abertura diferente, Evangelho segundo essa pessoa ou Evangelho segundo que poderia ter havido alguma variação.

Mas que Marcos parece estar travado bem cedo, argumenta Hingle, provavelmente significa que havia uma certeza com ele. Além disso, a questão sempre tem que ser: Marcos seria alguém que você inventaria? João Marcos seria a figura a quem você conectaria o Evangelho? Ele não é uma figura importante no Novo Testamento. É verdade que há referências a Pedro e a Paulo, mas ele não é Pedro, e ele não é Paulo.

A questão, eu acho, exige que a questão contra Marcos na autoria quase exija que a prova seja feita, bem, então por que eles escolheriam Marcos de todas as pessoas? Você pode até ter potencialmente uma referência aberta a esta figura de Marcos no jardim com o homem que foge sem suas roupas. No final das contas, não sabemos com certeza. Marcos é mencionado em Colossenses e Filemom e 2 Timóteo e 1 Pedro? É esse Marcos que escreveu este Evangelho? No início, a igreja primitiva disse sim, e eu acho que a evidência ainda apoiaria isso.

Historicamente, sempre se pensou que Marcos escreveu para uma igreja romana, talvez de Roma. Sabemos que Marcos estava conectado com a igreja de Roma. Novamente, isso é baseado na tradição.

A datação começa por volta dos anos 50 e 60. É uma das datações mais antigas, com outras argumentando para uma data posterior. Algumas podem ser por volta do martírio de Pedro.

Um pensamento é que o Evangelho começou a ser escrito quando algumas das testemunhas oculares começaram a morrer. Começou a haver uma necessidade disso, especialmente com os picos de perseguição e os focos de perseguição que estavam começando a ocorrer. Novamente, é difícil dizer.

Eu acho que Marcos era bem antigo, pessoalmente, provavelmente estava certo naquela época, por volta de 60 ou 70. A última coisa que eu mencionaria, apenas como uma sugestão de uma das maiores questões, o Evangelho de Marcos é, onde ele termina? Nossas Bíblias hoje têm Marcos 16, 9 a 20, mas muitas versões modernas da Bíblia têm colchetes gigantescos escritos ao redor. Há uma razão para isso, caso você esteja se perguntando.

Uma delas é que em alguns dos manuscritos mais confiáveis, o processo de tentar determinar quais eram as palavras originais é chamado de crítica textual. Essa ideia é uma comparação onde você olha para um monte de manuscritos diferentes, vê como eles são, como eles são diferentes, quais são mais antigos e quais são mais fortes. Um conjunto inteiro de metodologias é usado.

Uma das coisas que foi descoberta é que os versículos 9 a 20 de Marcos 16 não ocorrem em alguns dos manuscritos mais confiáveis. Então, o próprio processo que é usado para autenticar, se você quiser, Marcos capítulo 1, versículo 1 a 16:8, esse

processo fala contra 9 a 20 de alguma forma. Muitas das palavras naquela última parte de 16 não aparecem tão bem em Marcos, e então o pensamento é, Marcos teria começado tão rapidamente a usar palavras que ele não tinha antes? O estilo grego é pensado para ser uma transição do versículo 8 para o versículo 9, se você ler, é preocupante apenas em termos do assunto do versículo 8 são mulheres.

O versículo 9 assume Jesus como o sujeito, mas ainda não houve uma transição clara. O versículo 9 apresenta Maria Madalena de uma maneira que soa como se o leitor não a conhecesse, mas ela foi mencionada anteriormente no capítulo 15. Uma das coisas que você olha são os versículos 9 a 20, que parecem ser uma compilação de aparições de ressurreição dos outros Evangelhos.

Porque, veja bem, esse é o problema com um final mais curto. Com um final mais curto, você não tem nenhuma aparição de ressurreição, e os Evangelhos têm uma aparição de ressurreição. Uma das primeiras declarações de credo é que Cristo ressuscitou dos mortos.

E então, o pensamento é, bem, como Marcos não poderia ter uma aparição de ressurreição? E há muitos debates diferentes sobre isso. As opções parecem ser ou ele não teve uma, e ele está apenas meio que insinuando isso. Ele teve uma, e é o que temos de 9 a 20, ou ele teve uma que de alguma forma se perdeu na história.

Outra coisa é que ele morreu antes de poder completar um. Você tem as várias teorias. Para que você saiba como vou abordar isso, acho que há dúvidas textuais suficientes nos versículos 9 a 20 para que eu não os inclua como parte da minha discussão do Evangelho de Marcos em termos de rastrear Marcos em temas ou o que Marcos estava fazendo.

Se eu fosse forçado a fazer uma opinião sobre isso, acho que há um final para o Evangelho de Marcos que veio depois do versículo 8 que, de alguma forma, nunca entrou no Evangelho ou se perdeu na história. Acho estranho que não haja nenhuma aparição de ressurreição. Mas há muitos mistérios que serão revelados um dia, e talvez o final de Marcos seja um deles.

Estou ansioso pelo tempo que temos pela frente com vocês, enquanto começamos a explorar o Evangelho de Marcos. Obrigado.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro do Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 1, A Introdução ao Livro de Marcos.